

CAPÍTULO 6 - DE HUMANI CORPORIS FABRICA

Deborah Boueres Laender Morais

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/607678449573385>
deborah.morais@uemasul.edu.br

Pedro Vinícius De Jesus Bertolino

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/2045822660232785>
pedro.bertolino@uemasul.edu.br

Giovanna Melo Evangelista

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/4656622765928279>
giovanna.evangelista@uemasul.edu.br

James de Araújo Silva

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/4033252672992022>
james.silva@uemasul.edu.br

Luana de Souza Marques

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<https://lattes.cnpq.br/6205443568888935>
luana.marques@uemasul.edu.br

Sem título - Deborah Boueres Laender Morais

Primeira visita domiciliar no estúdio. A pessoa que me recebeu é uma senhora cujo marido é pintor. Me tocou profundamente a paixão com a qual falava sobre o trabalho do marido.

“É arte. Meu marido é um artista, minha filha, olha. Vou te levar ao estúdio dele”, e, com toda a simplicidade que era inerente a ela, me explicou cada pintura, esboço e mistura de tintas do local.

E eu, fascinada, a acompanhava.

Fomos para aferir a pressão daquela senhora hipertensa que se recusava a tomar seus remédios. Saí com a alma leve. Tinha encontrado, na simplicidade inerente àquela casa, uma alma que se misturava às cores que nossos olhos podem enxergar e àquilo que nossa alma pode sentir.

Não sei se consegui convencê-la que os hipertensivos funcionavam. Mas ela me convenceu que a arte salva. Da mesma forma que salvava a vida daquelas pessoas. E a minha própria.

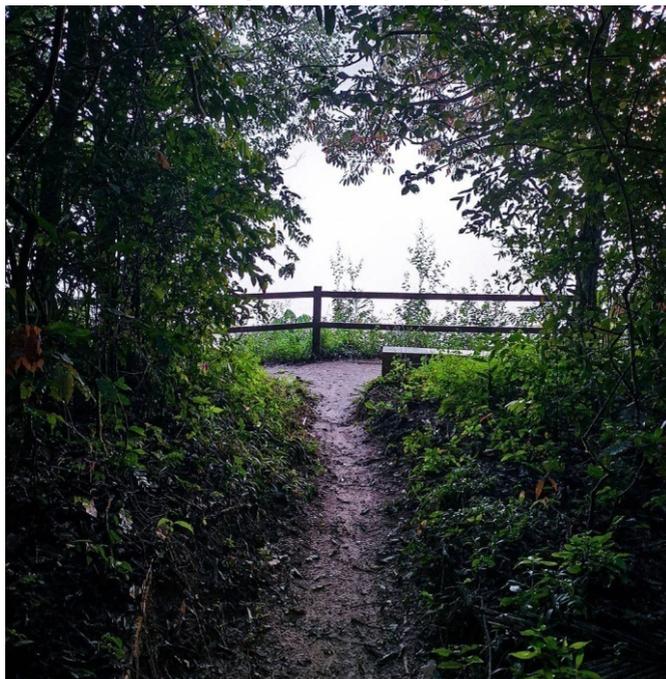
Ateliê de Artista



Fonte: Acervo da autora

Sem título - Pedro Vinícius De Jesus Bertolino

Fotografia de Paisagem



Fonte: Acervo do autor

Bom, gostaria de iniciar me retratando sobre a autoria da foto, que por sinal, não é minha. Na verdade, é de um estimado amigo que agora está na Alemanha. Foi tirada durante a pandemia no dia 15 de julho de 2021, em uma trilha no interior de São Paulo.

Sobre a história e significado dessa obra de arte, durante muito tempo este foi o wallpaper do meu *Whatsapp*. Terminei o ensino médio em 2019, tive uma crise de pânico no meio da prova do ENEM desse mesmo ano e no ano

seguinte, devido uma baixa nota na redação, não fui aprovado. Ainda assim, meu amigo mantinha contato. Ele estava enfrentando a pandemia enquanto estudava na UFSC, em Florianópolis, e devido ao regime EAD, viajava com certa frequência para casa de sua família paterna no interior de SP, em uma chácara.

Fazia trilhas com frequência e sempre tinha o costume de tirar fotos. Todas postadas no seu Instagram, algumas mais especiais, outras menos, mas todas muito belas.

Enfim, nesse dia eu, ele, e outros dois amigos estávamos conversando em uma chamada de vídeo. Estávamos cansados da pandemia, todos com saudade uns dos outros e sabendo que a previsão de nos vermos pelos próximos anos era mínima.

Ele, estudando engenharia mecatrônica, buscava um estágio no exterior (ele conseguiu); outro queria passar no ITA para o curso de física (não rolou, mas hoje ele faz o mesmo curso no Japão há pelo menos um ano); o terceiro conseguiu seu almejado curso de direito em sua cidade e pensava em seguir carreira por lá. Eu, bem, eu seguia em busca da minha aprovação. Todos juntos, todos enfrentando os próprios problemas, mas, ainda assim: juntos. Ele nos mostrou essa foto enquanto conversávamos sobre o fim da pandemia. Um olhar sobre um futuro melhor, eu disse. Parece que ele gostou o suficiente desse nome. Piegas, simples. Todos rimos e continuamos conversando.

Em 22 de fevereiro de 2022, saíram os resultados do

ENEM. Ele foi o primeiro a me ligar e, antes que eu dissesse qualquer coisa, ele mandou a foto, de novo. Mal sabia ele que eu havia sido aprovado. Mal sabíamos nós que não nos veríamos por um longo tempo.

No meio desse mesmo ano ele viajou para a Alemanha. Foi frustrante não poder me despedir dos meus amigos. Quando eu podia enfim vê-los, nenhum deles estava mais lá, todos estavam em lugares distantes e tivemos que nos contentar com as chamadas de *Discord*.

Então, num dia desses, estava falando com eles e alguém fez uma observação: Há 4 anos não nos víamos, todos, presencialmente. Sequer tínhamos uma previsão para esse acontecimento e isso pareceu bem triste à todos. Um dos amigos disse:

- Sempre tem o futuro, né? Não é possível que a gente não vá se ver mais.

Eu respondi prontamente:

- Dá ideia pro capeta não, macho.

E o autor da foto enfim se manifesta:

- Não foi tu, Pedro, que ano passado falou de futuro melhor, que vai dar tudo certo. Relaxa, pô. Se todo mundo tiver vivo até lá a gente se vira.

Procuramos no servidor do Discord e achamos a foto no histórico. Demos boas risadas. O reencontro pode esperar um pouco mais. Mesmo que pareça distante, dias melhores viriam. Enquanto estivéssemos ali, amigos, vivos, conversan-

do sobre nada de útil esses dias felizes sempre viriam.

Não sou o mais otimista da minha espécie, talvez não seja sequer o mais otimista do meu quarto. Mas aqueles caras e aquela foto me fazem crer que eu posso superar qualquer problema.

Um novo capítulo se inicia - *Giovanna Melo Evangelista*

Na estrada da vida, rumo à medicina vou,
Outra cidade, um novo amanhecer entrou.
Cabeça repleta de sonhos a desdobrar,
No coração, saudade, mas o horizonte a brilhar.

E nessa mudança da vida
Me sinto bem-vinda.
Na inconstância de idas e vindas
Encontro moradas lindas.

Pneumotórax, de Manuel Bandeira - *James de Araújo Silva*

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
— Diga trinta e três.
— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...

— Respire.

.....

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Impressões pessoais sobre a obra:

O poema “Pneumotórax”, de Manuel Bandeira é uma obra impactante que retrata a fragilidade da vida e a inevitabilidade da morte por meio de uma linguagem simples e direta, expressando a angústia e a tristeza existenciais humanas.

A repetição da tosse, ao longo do poema, cria um efeito sonoro marcante, evocando a sensação de sufocamento e acometimento físico. Através dos sintomas como febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos, o eu-lírico revela a progressão da doença e o aumento contínuo dessa fragilidade física.

A busca pelo tratamento médico expressa, no diálogo com o médico, revela a esperança do eu lírico em uma solução, mas é rapidamente frustrada pela resposta do médico. A sugestão de tocar um tango argentino, ao invés de oferecer uma cura ou tratamento, sugere resignação e aceitação

diante do inevitável, haja vista a precariedade dos cuidados médicos para um possível caso de tuberculose num passado não tão distante e que ainda é vivenciado entre a população mais carente.

O poema transmite uma sensação de melancolia profunda, abordando a noção da vida que poderia ter sido, mas que não foi. A brevidade e a fragilidade da existência são exploradas de forma contundente, ressaltando a efemeridade da vida humana e a inevitabilidade da condição humana.

Além disso, mostra ainda que de forma irreverente, o papel do médico na comunicação de notícias difíceis e a resistência do paciente em aceitar a irreversibilidade de sua condição dado a restrição das intervenções disponíveis no seu tempo, necessitando ficar apenas em cuidados paliativos.

Análise do livro *Ensaio sobre a Cegueira*, do Autor José Saramago - *Luana de Souza Marques*

Obra lançada em 1995, de autoria de José Saramago e é narrado em 3ª pessoa. A priori, o livro “Ensaio sobre a Cegueira” não é uma escolha de leitura óbvia e, em decorrência disso, se torna um livro interessante ao leitor atento. Uma das características mais marcantes da obra é de caráter estrutural, isto é, o clássico do escritor português, brinca com os elementos textuais da norma padrão.

Este, se utiliza apenas do ponto e da vírgula, associando estes a efeitos de sonoridade, ao invés de regras de sintaxe, o que exige do leitor perseverança no seguimento da leitura dificultosa, que melhora no decorrer das páginas devido a original e intrigante história.

Apesar da data distante de lançamento do livro, este se consolida na hodiernidade como atemporal, tendo em vista os principais temas abordados sendo relacionados à essência da humanidade. A história se resume a uma doença que surge de repente e se espalha rapidamente na sociedade, deixando as pessoas cegas, enxergando tudo “branco como leite”.

Já no decorrer dos primeiros capítulos, o caos se estabelece na sociedade, sendo os momentos de contágio da doença narrado do ponto de vista de diversos personagens: tem-se, por exemplo, o motorista, que está no trânsito como de costume e ao parar no semáforo fica cego, repentinamente; ou o médico oftalmologista que, na investigação da causa e sintomas da doença, também é atingido pela cegueira subitamente.

Pelo seu próprio objetivo inicial, em muitos momentos da narração, a obra causa incômodo no leitor. No decorrer da narrativa, as pessoas acometidas pela doença são isoladas numa espécie de quarentena, lugar onde o homem é mostrado em seu Estado de Natureza.

Tal associação da narrativa corrobora a teoria de Thomas Hobbes, importante filósofo contratualista, quando de-

monstra a natureza má e perversa do ser humano, em que a luta pela sobrevivência e pelo poder se sobressaem, tendo em vista que o ser é naturalmente egoísta.

Ainda nesse viés, a história discorre acerca de um mundo em que predomina a fome, violência e corrupção, pois cada uma busca sua própria sobrevivência como pode, desvelando as faces mais atrozes e sujas existentes na sociedade.

Conclui-se, portanto, que a obra é uma experiência única de aprendizado, uma vez que efetiva críticas referentes ao cerne da sociedade, evidenciando através da metáfora da “cegueira leitosa” que essa é uma condição natural do ser humano hodierno, que desponta quando a oportunidade se apresenta e somente é controlada pelas regras morais e éticas prevalentes na sociedade.

